



## Nota de Abertura

Escola e cultura são o que nos traz aqui hoje.

Dizendo de outra forma - que creio melhor - escola e cultura é aquilo que nos traz até hoje.

Estou bem consciente da oposição que muitos querem fazer entre conhecimentos básicos, reputados de essenciais, e outros ditos complementares, como se acessórios fossem.

Como se não houvesse na mente lugar para saber a tabuada e conhecer e reconhecer Amadeo.

Ou para saber a sintaxe camoniana e se comover com o que essa sintaxe permite sentir.

Não perderemos - nem aqui nem fora daqui - o nosso e o vosso tempo a desmentir e a desmontar falsas “Exortações da Guerra”, que Gil Vicente tão apropriadamente elevou à condição de farsa.

Muito menos a travá-las.

Até porque não se vê como se pode distinguir educação de aprender a sentir.

Seria o mesmo que distingui-la de aprender a saber. E de saber.

Seria qualquer outra coisa, mas não seria certamente educação.

Até o mais frio recitador da tabuada sabe porque é que ela se apresenta assim, e não de outra maneira.

Como o mais quente dos poetas sabe que escreve assim porque não pode deixar de assim o fazer.

Há certamente poesia na tabuada e haverá seguramente, pelo menos, alguma tabuada na poesia.

Em todo o caso, ambas coexistem na vida - bastante pacificamente até, diga-se.

Ora, não educamos nem somos educados para outra coisa que não para a vida.

Educamo-nos com a tabuada, com a poesia e com o mais que a vida tenha, e que se possa estruturar num pensamento, e veicular em palavras.

A tudo isto se chama conhecimento.

Ainda que nos faça mais perplexos e - por isso, e só aparentemente - menos sapientes.

O conhecimento conforta e ratifica. Mas ainda mais surpreende e questiona.

Por isso nos faz avançar.

Por isso nos leva pelo menos um pouco mais longe do que poderíamos ir sem a sua companhia.

E nos permite olhar para trás e perceber, como canta José Mário Branco, o que já andámos para aqui chegar, mesmo vindos de tão longe.

(...)

Feliz seja esta audácia.

A mesmíssima audácia que levou, em boa hora, a Direção-Geral da Educação a promover - mobilizando os parceiros que lhe acrescentam valor e sentido - o “Programa de Educação Estética e Artística”, programa no qual esta conferência - como outras que já aconteceram e outras que se seguirão - tão oportunamente se inscreve.

É esta audácia que mais de 4.000 professores e quase 80.000 alunos mostraram quando aceitaram o nosso desafio para se envolverem ativamente neste programa.

Foi o que fizeram.

Porque sabem todos que assim se tornarão cidadãos mais completos e, estamos confiantes, bem mais felizes.

A mesmíssima audácia que o Programa de Educação Estética e Artística apresenta.

Porque exige muito trabalho e algum risco fazer mais e melhor; importando novas práticas e metodologias para o desenvolvimento curricular artístico; dotando docentes de novas lógicas, e de mais eficazes modelos de ensino deste universo artístico e cultural - um mundo apenas estranho para quem não teve a felicidade de nele ter a oportunidade de mergulhar, pelo menos um pouco, pelo menos algumas vezes.

A Direção-Geral da Educação teve a audácia, ainda maior, de não querer fazê-lo sozinha. De saber que sozinho se faz sempre menos, e não tão bem.

Foi essa ambição que motivou a confiança que demonstrou nos especialistas, instituições e agentes culturais, educacionais e territoriais para intervirem junto das crianças e com as crianças.

Mobilizarem-se, e mobilizar quem ensinamos, através daquilo que é a essência do seu tempo e vida, e talvez devesse ser ainda e mais o nosso: aprender, saber, sentir, pensar e recordar.

Crescer pela educação. Também artística e cultural, pois claro. Poderia alguma vez ser de outro modo?!

Neste trabalho envolveram-se museus, teatros, academias, autarquias, artistas, educadores e pensadores. E todos não chegam. Todos fazem falta.

Iremos estabelecer prioridades e aí definimos, naturalmente, os mais novos entre nós (os alunos do pré-escolar e do 1º ciclo do básico) para começar este trabalho.

Que é um começo suficientemente importante para ser já irreversível, mas ainda suficientemente inacabado para nos deixar maravilhados com o caminho que há a percorrer.

É nesse duplo trabalho que metemos as mãos. Com muito gosto. Com todo o gosto.

Trabalhamos para que este belo projeto possa continuar a chegar aos mesmos níveis de escolaridade, e para que possa continuar a acompanhar os que agora são novos enquanto crescem. E aprendem.

Trabalhamos para planear mais e melhor intervenção artística em meio escolar com os parceiros que já convocamos, mas também com aqueles que a nós se irão ainda juntar.

Trabalhamos para plasmar no perfil do aluno que não pode haver um percurso de sucesso na escola, sem que no desenho desse sucesso não se reconheçam os traços firmes de uma formação estética e artística que ensine a ver, a ouvir, a falar e a pensar.

Que ensine a arte como ensina a vida.

Até porque, frequentemente, aquela é ainda maior do que esta.

*Tiago Brandão Rodrigues, Ministro da Educação*